

## A Teoria Crítica e a sociedade da cultura digital

Critical Theory and the society of the digital culture

Antônio Zuin<sup>1</sup>, Luiz Roberto Gomes<sup>2</sup>

Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos-SP, Brasil

### Resumo

O objetivo desse artigo é abordar, no âmbito da sua trajetória de pesquisa, a inserção do “Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação” na Linha de Pesquisa “Educação, Cultura e Subjetividade” do PPGE/ UFSCar. Para tanto, apresenta algumas considerações sobre o referencial teórico-metodológico da Teoria Crítica da Sociedade, um breve histórico dos 25 anos do Grupo de Pesquisa e a ênfase atual, no contexto dos dilemas da Sociedade da Cultura Digital, na revitalização dos conceitos de *indústria cultural*, *formação* e *semiformação* cada vez mais presentes nos trabalhos de seus pesquisadores. Atualmente, vários pesquisadores do Grupo, sob a orientação do professor Antônio A. S. Zuin, estão estudando o modo como os conceitos de formação e semiformação são revigorados na sociedade da cultura digital por meio de objetos, tais como: *cyberbullying* de alunos contra professores; trotes universitários e cultura digital; educação e televisão, educação e redes sociais, educação a distância, educação e tecnologias da informação e comunicação, esfera pública e sociedade digital, entre outros. As análises específicas da sala de aula, por meio da reconstrução empírica do sentido pedagógico da Educação, com o aporte teórico-epistemológico da Hermenêutica Objetiva, se destacam nos projetos de pesquisa atuais liderados pelo professor Luiz Roberto Gomes e auxiliam o processo de interpretação do impacto da Cultura Digital na Educação.

**Palavras-chave:** Teoria crítica da sociedade. Cultura digital. *Cyberbullying*. Hermenêutica objetiva.

### Abstract

The objective of this article is to address, within the scope of its research trajectory, the insertion of the “Critical Theory and Education Research Group” in the PPGE/UFSCar Research Line “Education, Culture and Subjectivity”. In order to do it, the article presents some considerations about the theoretical-methodological framework of the Critical Theory of Society, a brief history of the 25 years of the research group and the current emphasis, in the context of the dilemmas of the digital culture society, about the revitalization of the concepts of cultural industry, formation and semiformation, which are increasingly present in the work of its researchers. Currently, several researchers of the Group, under the guidance of Professor Antônio A. S. Zuin, are studying the way in which the concepts of formation and semiformation are reinvigorated in the society of the digital culture by means of objects, such as: cyberbullying of students against teachers, university and digital culture, education and

---

<sup>1</sup> Professor-Titular do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: dazu@ufscar.br

<sup>2</sup> Professor Associado do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: luizrgomes@ufscar.br

television, education and social networks, distance education, education and information and communication technologies, public sphere and digital society, among others. The specific analyzes of the classroom, through the empirical reconstruction of the pedagogical sense of education, according to the theoretical-epistemological contribution of the Objective Hermeneutics, stand out in the current research projects led by professor Luiz Roberto Gomes and help the process of interpretation of the impact of digital culture in education.

**Keywords:** Critical theory of society. Digital culture. Cyberbullying. Objective hermeneutics.

## Introdução

Esse artigo aborda, no âmbito da sua trajetória de pesquisa, a inserção do “Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação” na Linha de Pesquisa “Educação, Cultura e Subjetividade” do PPGE/ UFSCar. Para tanto, apresenta algumas considerações sobre o referencial teórico-metodológico da Teoria Crítica da Sociedade; um breve histórico dos 25 anos do Grupo de Pesquisa; e a ênfase atual, no contexto dos dilemas da sociedade da cultura digital, na revitalização dos conceitos de *indústria cultural*, *formação* e *semiformação*; cada vez mais presente nos trabalhos dos pesquisadores participantes do nosso grupo.

## A Teoria Crítica da Sociedade

A expressão Teoria Crítica é muito ampla em sua acepção: nomeia todas as teorias que se pautam pela negação da ordem estabelecida, pelo anti-positivismo, pela busca de uma sociedade mais justa e humana. Quando falamos em Teoria Crítica nos referimos ao pensamento de um grupo de intelectuais marxistas não ortodoxos, que, a partir dos anos 1920, desenvolveram pesquisas e intervenções teóricas sobre problemas filosóficos, econômicos, sociais, culturais, estéticos gerados pelo capitalismo de sua época e influenciaram, de certo modo, o pensamento ocidental particularmente dos anos 40 aos anos 70 do século passado. Esses pensadores constituíram a chamada “Escola de Frankfurt”, pelo fato de se estabelecerem enquanto um grupo de pesquisadores nesta cidade alemã (a mais judia da Alemanha), criando aí o Instituto de Pesquisa Social e um órgão de divulgação de suas produções, a Revista de Pesquisa Social. Destacam-se entre seus membros Max Horkheimer (1895-1973), diretor do instituto de 1930 até 1967, Herbert Marcuse (1898-1979), mais conhecido no Brasil nos anos 1970, por seus livros aqui publicados, Theodor Adorno (1903-1969), que ingressou no Instituto no final dos anos 1930 e dirigiu-o de 1967 a 1969, Walter Benjamin (1892-1940), bolsista do Instituto nos anos 1933-1940 e Jürgen Habermas (1929), filósofo e sociólogo, ainda vivo, mas aposentado. Desde 2001, o diretor do Instituto de Pesquisa social é o filósofo e sociólogo Axel Honneth (1949).

A ênfase na pesquisa teórica, empírica, multidisciplinar, crítica, e orientada para a emancipação, sempre foi uma marca do Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt, desde os anos de sua fundação e consolidação (1924-1950), até constituição epistemológica daquilo que se denomina *Escola de Frankfurt*<sup>3</sup>, e que ficou conhecida como “Teoria Crítica da Sociedade” (Wiggershaus, 2002). Trata-se de uma teoria social crítica

<sup>3</sup> Sobre o conceito de Teoria Crítica e a especificidade da Escola de Frankfurt Cf. Horkheimer (1987) e Nobre (2004).

sobre os processos de reprodução social, e que se manifesta em fenômenos culturais, institucionais e sócio-políticos. A investigação e análise das condições objetivas da sociedade, como os frankfurtianos da primeira geração a denominavam, constituem, ainda hoje, o programa por excelência do empreendimento científico da Teoria Crítica da Sociedade.

Cabe salientar, que o projeto epistemológico da Teoria Crítica, desde os trabalhos de seus pioneiros, consistia na consolidação de uma outra perspectiva de teoria social, capaz de se contrapor à teoria social hegemônica, de natureza positivista, e que Max Horkheimer (1987) denominou *Teoria Tradicional*. Isso implica outra postura em relação à função social da própria ciência, da sociedade e também da educação. Na perspectiva crítica, a teoria se vincula à prática social, enquanto a pesquisa social deve ir além da dimensão da especialidade e transformar-se em ciência interdisciplinar superando, por assim dizer, a limitação instrumental e normativa. A teoria deve ultrapassar, ainda, o recorte meramente especulativo, ou seja, filosófico-social da ideia de sociedade, pela crítica imanente da ordem social “danificada”.

É na práxis social (MARX, 2010), ou seja, na forma como os homens vivem em sociedade, que é possível compreender e superar as contradições sociais. Isso influencia tanto a escolha dos temas quanto a própria condução da pesquisa, por se tratar de uma busca permanente e dialética da relação teoria e prática. Nesse referencial teórico-epistemológico, as pesquisas desenvolvidas pela Teoria Crítica são potencializadas por estudos teóricos e empíricos, que ampliam o escopo da compreensão crítica das mediações que compõem os fenômenos culturais da vida social contemporânea.

Atualmente, várias são as abordagens do objeto social, com enfoques nas áreas de Filosofia, Sociologia, Psicanálise, Direito, Economia, Ciência Política, Literatura e Educação. No campo específico dos fenômenos educacionais, particularmente na escola, as análises de Adorno (1995, 2010) são claras quanto à necessidade do compromisso da escola com a construção de uma sociedade mais justa, digna e feliz. Nesse caso, a crítica e a negação determinada sobre os processos de dominação social consistem-se em uma exigência ética e também política.

Entre as diversas perspectivas de pesquisa da Teoria Crítica, a *Hermenêutica Objetiva* é considerada hoje, na Alemanha, como uma das mais difundidas e reconhecidas abordagens em pesquisa qualitativa para a investigação de situações que abordam as relações sociais, sobretudo no âmbito da família, da escola e da mídia (WERNET, 2006; KRAIMER, 2000; VILELA, 2010). Trata-se de uma variante da pesquisa sociológica qualitativa, desenvolvida por Ulrich Oevermann e aplicada à situação empírica da sala de aula por Andreas Gruschka, ambos pesquisadores da Universidade de Frankfurt. Essa abordagem “[...] permite trazer à tona as questões imanentes que devem ser buscadas nas situações corriqueiras cuja aparência deve ser interpretada.” (VILELA, 2013, p. 220).

A aplicação do método de análise sociológica da hermenêutica objetiva pelo Prof. Andreas Gruschka, nas situações específicas da sala de aula, permite formular uma teoria pedagógica da aula com base empírica (GRUSCHKA, 2009, 2011, 2013, 2014). Trata-se de estudos que buscam interpretar o sentido educativo da pretensão pedagógica. Por exemplo, no caso específico da situação pedagógica de uma aula, três conceitos fundamentais definem o processo pedagógico: *educação, instrução e formação* (GRUSCHKA, 2013). Almeja-se portanto, com esse tipo de abordagem,

a formulação de uma explicação, com base empírica, dos motivos pelos quais as aspirações da escola, de educar, ensinar e formar não se realizam. Nesse sentido, o livro “Frieza Burguesa e Educação” de Andreas Gruschka, traduzido por pesquisadores do nosso grupo e publicado pela Editora Autores Associados em 2014, é uma boa ilustração dos trabalhos empíricos de pesquisa atuais realizados no interior da escola. Esses estudos também são desenvolvidos no Brasil pelas professoras Rita Amélia Vilela e Magali Reis (PUC-Minas) e pelo professor Luiz Roberto Gomes (UFSCar).

Atualmente, vários pesquisadores de nosso grupo, sob orientação do professor Antônio A. S. Zuin, estão estudando o modo como os conceitos de formação e semiformação são revigorados na sociedade da cultura digital por meio de vários objetos, tais como: *cyberbullying* de alunos contra professores; trotes universitários e cultura digital; educação e televisão, educação e redes sociais, educação a distância, educação e tecnologias da informação e comunicação, esfera pública e sociedade digital, entre outros.

### **Breve histórico do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação<sup>4</sup>**

O “Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação” iniciou suas atividades em agosto de 1991, na UFSCar, sempre vinculado ao Departamento de Educação e ao Programa de Pós-graduação em Educação desta mesma Universidade. O Grupo desenvolve atualmente suas atividades de pesquisa em oito sedes: na UFSCar (1991), na UNIMEP (1996), na UNESP-Araraquara (2000), na UFSC (2011), na UFES (2011), na UFLA (2012), na UDESC (2013) e na PUC-Minas (2014)<sup>5</sup>. Ele congrega vários outros doutores pesquisadores em diversas regiões do Brasil, além de manter cooperação internacional com vários pesquisadores do exterior. O líder do Grupo de Pesquisa, desde sua fundação era Bruno Pucci (UNIMEP). A partir de abril de 2015, Antônio Álvaro Soares Zuin (UFSCar) e Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastória (UNESP-Araraquara) foram escolhidos respectivamente como líder e vice-líder do Grupo de Pesquisa. A coordenação atual da sede UFSCar é feita por Luiz Roberto Gomes (UFSCar).

Com mais de 25 anos de atividades, o Grupo já realizou 10 Congressos, sendo 3 nacionais e 7 internacionais. O último, “X Congresso Internacional de Teoria Crítica: tecnologia, violência e memória” ocorreu na UFSCar entre os dias de 10 a 14/10/2016, e foi financiado pela FAPESP, CAPES e CNPq. Cinco conferências, sendo três de professores estrangeiros; seis mesas redondas com dois expositores em cada sessão; 107 comunicações e 41 pôsteres apresentados marcaram a programação do evento<sup>6</sup>. Em decorrência dos eventos científicos realizados e das pesquisas desenvolvidas, o Grupo já publicou mais de 400 artigos, 100 livros e 300 capítulos de livros em revistas e em editoras de seletiva política editorial. Somam-se ainda, à produção

<sup>4</sup> As informações contidas nesse item foram baseadas no texto “Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação: Histórico” escrito pelo Prof. Bruno Pucci em 2015 e no conteúdo do site do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação. Todas estas informações estão disponíveis em Universidade Federal de São Carlos (2017).

<sup>5</sup> UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba), UNESP-Araraquara (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), UFLA (Universidade Federal de Lavras), UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), PUC-Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais).

<sup>6</sup> Conferir as informações completas do X Congresso Internacional (programação, relatório científico e caderno de anais) no site do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2017).

científica do Grupo, mais de 250 dissertações de mestrado e 100 teses de doutorado orientadas pelos pesquisadores doutores de diversas instituições do Brasil. Várias traduções de textos originais em Alemão e Inglês também fazem parte do trabalho dos pesquisadores do Grupo.

O Grupo já desenvolveu 10 projetos institucionais de pesquisa, com o envolvimento de pesquisadores de várias partes do Brasil. Os cinco primeiros projetos intitulavam-se “O potencial pedagógico da Teoria Crítica” (I, II, III, IV e V); foram desenvolvidos de agosto de 1991 a fevereiro de 2002; e tinham como objetivo geral investigar as contribuições teórico-metodológicas da Teoria Crítica da Sociedade e, a partir desses elementos, explorar seu potencial formativo.

No primeiro semestre de 2001 foi realizado o I Seminário Interno do GEP “Teoria Crítica e Educação”, para analisar a experiência do Grupo de Pesquisa, sua produção, nos 10 anos de existência, centralizada na temática Potencialidade Pedagógica da Teoria Crítica; Os participantes analisaram a história do GEP, o desenvolvimento dos cinco projetos de pesquisas, a produção científica, a formação de novos pesquisadores (iniciação científica, mestrandos, doutorandos), a participação em inúmeros eventos científicos, em apresentação de palestras, de cursos, em organização de eventos nacionais, em intercâmbios entre pesquisadores seniores e iniciantes. No transcorrer desses dez anos, novos pesquisadores ingressaram no GEP, novas temáticas de investigação e possibilidades de intervenção na área da educação e da cultura se fizeram presentes, outras interlocuções científicas e intelectuais se estabeleceram e a produção do GEP foi além do inicial caráter exploratório no entendimento da Teoria Crítica. Diante de novas problemáticas impostas pelo capitalismo tardio, dentre elas, as mediações tecnológicas e as mudanças significativas no campo da produção técnica, do saber e da apropriação, que suscitam novas investigações e novas teorizações, o GEP sentiu a necessidade de estabelecer como centro de estudos, de elaboração de projetos de pesquisa e de intervenção educacional e cultural, a temática “Técnica, cultura e formação”.

O sexto Projeto de Pesquisa intitulado “Tecnologia, Cultura e Formação” (2003 a 2006) surgiu no contexto das diretrizes do I Seminário Interno do Grupo. De março 2006 a fevereiro 2009, desenvolvemos o sétimo projeto de pesquisa “Novas Tecnologias, Teoria Crítica e Educação Escolar”. A partir de 2009, iniciou-se o desenvolvimento do oitavo Projeto Institucional de Pesquisa: “Novas Tecnologias e Teoria Crítica: a Educação a Distância Virtual nos cursos de Pedagogia” (março/2009 - fevereiro/2012). Em 2013, o GEP elaborou o seu nono Projeto Institucional de Pesquisa “Tecnologia, Cultura Digital e Formação: Análises a partir da Teoria Crítica da Sociedade”, este foi encaminhado à FAPESP no início do primeiro semestre como Projeto Temático e, seis meses depois, não obteve o apoio da entidade; foi recomendado por dois pareceristas e não aprovado por um terceiro. Atualmente, estamos desenvolvendo o décimo Projeto Institucional do Grupo, que se centra no diagnóstico dos impactos das tecnologias digitais na sociedade e na educação.

Cabe destacar, no contexto dos projetos de pesquisa já desenvolvidos, da produção científica do Grupo e da Criação da Coleção Teoria Crítica na Editora Nankin de São Paulo, já com 5 volumes, a publicação em 2015 do volume 3 “Escritos de Teoria Crítica e Educação: contribuições do Brasil e da Alemanha”. Trata-se de um projeto de cooperação internacional celebrado em parceria com Andreas Gruschka, da

Universidade de Frankfurt, Luiz A. Nabuco Lastória e demais membros do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação. Esses pesquisadores publicaram, na Alemanha e no Brasil, em 2015, uma coletânea contendo escritos de Teoria Crítica. São 7 capítulos e cada capítulo é constituído por um texto elaborado por um autor alemão e por um autor brasileiro; no capítulo 7, tivemos a participação de Mateu Cabot, da Espanha: Eis os livros: GRUSCHKA, Andrea; LASTÓRIA, Luiz A. Nabuco. *Zur Lage der Bildung: kritische Diagnosen aus Deutschland und Brasilien*. Opladen/Berlin: Verlag Barbara Budrich, 2015; LASTÓRIA, Luiz A. Nabuco; ZUIN, Antônio A. S.; GOMES, Luiz R.; GRUSCHKA, Andrea (Orgs.). *Escritos de Teoria Crítica e Educação: contribuições do Brasil e da Alemanha*. Coleção Teoria Crítica 3. São Paulo: Nankin Editorial 2015.

### **A Teoria Crítica e a sociedade da cultura digital**

Atualmente, conceitos-chave elaborados pelos pensadores frankfurtianos, tais como indústria cultural, formação e semiformação estão sendo reavaliados em função do modo como as mediações da cultura digital os reconfiguram.

Seguindo esta linha de raciocínio, a seguir serão apresentadas considerações sobre tais revitalizações, as quais foram e são produtos das pesquisas dos participantes de nosso grupo.

### **A indústria cultural e a sociedade do ser é ser percebido**

Certamente, indústria cultural é um dos principais conceitos imediatamente lembrados quando os nomes de Adorno e Horkheimer são mencionados. Engendrado em meados da década de 1940, o conceito de indústria cultural, ao que tudo indica, tornou-se mundialmente conhecido a partir da publicação do livro: “Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos” em 1944, sendo que um de seus capítulos foi intitulado da seguinte maneira: “A indústria cultural: o esclarecimento como engodo das massas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1986). Exatamente neste capítulo, Adorno e Horkheimer dissertam historicamente sobre a forma como as chamadas produções culturais vão gradativamente se subsumindo à lógica do fetiche da mercadoria, de tal maneira que esta lógica se torna hegemônica desde o processo de elaboração do produto denominado cultural.

Ao analisar o exemplo do filme hollywoodiano, particularmente o caso do western, Adorno asseverou o seguinte:

Enquanto o processo de produção no setor central da indústria cultural – o filme – se aproxima dos procedimentos técnicos através da avançada divisão do trabalho, da introdução de máquinas, e da separação dos trabalhadores dos meios de produção (essa separação manifesta-se no eterno conflito entre os artistas ocupados na indústria cultural e os potentados desta), conservam-se também formas de produção individual. Cada produto apresenta-se como individual; a individualidade mesma contribui para o fortalecimento da ideologia, na medida em que desperta a ilusão de que o que é coisificado e mediatizado é um refúgio do imediatismo e da vida. (ADORNO, 1986, p. 94).

Deste modo, tal como qualquer outra mercadoria, o filme de western, por exemplo, também é produzido de acordo com a lógica do processo de produção de

mercadorias industrializadas, uma vez que se nota a presença de um nítido processo de divisão de trabalho, da racionalização das técnicas de distribuição, entre outras características. Porém, esta lógica de padronização e de massificação dos produtos ditos culturais é dissimulada pela ideologia da personalização, de que tais produtos possuem o “jeito de ser” de determinados consumidores, de modo que, embora sejam coisificados e mediatizados pela lógica do fetiche da mercadoria desde o momento de suas concepções, são apresentados a tais consumidores como “[...] um refúgio do imediatismo e da vida.” (ADORNO, 1986, p. 94).

Mesmo no auge do chamado capitalismo monopolista, sendo este justamente o período em que Adorno e Horkheimer apresentaram ao mundo o conceito de indústria cultural, a luta titânica estabelecida entre as mercadorias, para que se destacassem diante das demais, fora percebida por estes pensadores frankfurtianos e exposta por meio da conhecida sentença de que a publicidade é o “elixir da indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p. 151). Ou seja, as mercadorias, inclusive as ditas culturais, que mais conseguissem propagandear a ideologia da personalização, seriam as mais consumidas, daí a conclusão de que já em meados de 1940, a publicidade seria como que o cerne da indústria cultural.

É interessante observar o modo como esta afirmação de Adorno e Horkheimer se revitaliza na sociedade da cultura digital. Pois é na atual sociedade do capitalismo transnacional que se afirma uma nova ontologia e, portanto, novas formas de subjetividade: a de que *ser* significa *ser midiática e eletronicamente percebido*. De acordo com Christoph Türcke:

E da mesma forma como a força integradora do mercado nunca foi somente econômica, nunca decidindo apenas a respeito do trabalho ou desemprego, mas sempre também sobre aceitação ou rejeição, em certo sentido, então, sobre o ser ou não ser, assim também essa pressão ontológica sob condições de uma compulsão generalizada para a emissão adquiriu uma forma estética. Dito inversamente: a estética ganhou um peso ontológico como nunca tivera. Isso também faz parte do *esse est percipi* (ser é ser percebido – Nota dos Autores). Essa frase expressa não apenas a ontologia paradoxal da era microeletrônica, que uma existência sem presença eletrônica é um aqui e agora sem um “aí”, um não ser em um corpo vivo; também aponta para o que isso significa para a fisiologia da percepção. (TÜRCKE, 2010, p. 65).

De fato, se atualmente um indivíduo não se manifesta eletronicamente é como se fosse uma não existência viva, sendo que a mesma lógica pode ser empregada em relação às denominadas mercadorias culturais, de tal modo que a publicidade dos produtos da indústria cultural é digitalmente produzida e reproduzida pela mídia ubíqua. Sendo assim, as telas tornam-se elemento vital tanto para a esfera das relações de trabalho, quando as do chamado tempo livre as quais, não por acaso, se assemelham cada vez mais.

A hegemonia desta nova ontologia se faz presente nas novas maneiras de se refletir sobre a relação entre educação, cultura e subjetividade, fato este que impulsiona os pesquisadores de nosso eixo a investigar as transformações estéticas decorrentes nos mais variados objetos, tais como filosofia e indústria cultural na cultura digital; formação política na cultura digital; educação e cinema na era digital; produtivismo acadêmico na era do “publique, apareça ou pereça”; a indústria cultural e as novas

relações espaço-temporais da cultura digital; indústria cultural e música na cultura digital, entre outros. Justamente as transformações na esfera educacional, decorrentes desta nova forma de objetivação histórica da indústria cultural, fomentam a reflexão sobre a atualidade dos conceitos de formação e semiformação.

### **A formação e a semiformação no contexto da cultura digital**

De acordo com Adorno, o conceito de formação (*Bildung*) se consubstancia com a consolidação político-econômica da burguesia enquanto classe hegemônica sendo que, de certa forma, se transforma no substrato subjetivo do indivíduo-cidadão, de tal maneira que:

A formação devia ser aquela que dissesse respeito – de uma maneira pura como seu próprio espírito – ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo. Contraditoriamente, no entanto, sua relação com uma práxis ulterior apresentou-se como uma degradação a algo heterônomo, como percepção de vantagens de uma irresolvida *bellumomnium contra omnes*. (ADORNO, 2010, p. 13).

Esta guerra de todos contra todos certamente alude a sociedade na qual as promessas de universalização da igualdade, da liberdade e da fraternidade se esfacelavam, na mesma medida em que as relações de produção capitalistas consolidavam cada vez mais a exploração e a desigualdade como elementos constituintes cruciais de seu tecido sociocultural. Evidentemente, também a formação se danifica de forma sensível, na medida em que a indústria cultural se espraia enquanto uma espécie de espírito objetivo de um tempo. Não por acaso, Adorno define os danos na experiência formativa como semiformação (*Halbbildung*), ou seja, como um estado aparentemente formativo, mas que, na verdade, trata-se de seu inimigo mortal. Para Adorno,

A experiência – a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo – fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações [...]. A semiformação é uma fraqueza em relação ao tempo, à memória, única mediação capaz de fazer na consciência aquela síntese da experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos. (ADORNO, 2010, p. 33).

Com efeito, a permanência na consciência da associação entre os elementos do passado e do futuro que são presencialmente relacionados pelo indivíduo, a ponto de ser possível conceituar novas alternativas de identidade e de realidade, são substituídos por estado “[...] informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações.” (ADORNO, 2010, p. 33).

O prejuízo decisivo em relação à memória, que é caracterizado por Adorno como a própria semiformação, revela-se quando os conteúdos culturais são friamente absorvidos e coisificados, de tal modo que não mais são utilizados para sensibilizar

quem deles se apropria. Em tempos de fraqueza da capacidade mnemônica, tornou-se memorável a lembrança de Adorno de que os nazistas matavam judeus, homossexuais, intelectuais, entre outros, nos campos de concentração, ao mesmo tempo em que ouviam música clássica. Esta fratura entre a promessa de felicidade da música clássica e o assassinato de vítimas não pode ser adjudicada exclusivamente às características idiossincráticas de seus algozes, mas sim se refere às condições objetivas do nazismo, as quais foram alicerçadas também pela indústria cultural deste período, embora o raciocínio estereotipado teime em se esquecer deste fato, ao mesmo tempo em que imputa exclusivamente a existência do nazismo à figura de Hitler.

Mas, se a semiformação é identificada como uma fraqueza em relação à memória, isso significa que, na sociedade da cultura digital, na qual se pode lembrar de tudo por meio do uso das redes sociais, não existiria mais a própria semiformação? (ZUIN, 2017). Na verdade, na sociedade na qual se torna impossível olvidar-se de algo, novas formas de esquecimento são produzidas. Pois caso sejam desconsideradas, ou mesmo esquecidas, as mediações históricas que foram determinantes para que certas imagens e comentários postados no YouTube e no Facebook fossem veiculados, então estas mesmas imagens e comentários podem ser caracterizados como presentes que se perpetuam eternamente, os quais contribuem efetivamente para a propagação do pensamento estereotipado e de atitudes preconceituosas.

## Conclusão

Repensar a relação entre educação, cultura e subjetividade à luz dos conceitos elaborados pelos pensadores frankfurtianos, particularmente Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Walter Benjamin, implica refletir sobre os atuais desdobramentos desta relação na chamada sociedade da cultura digital. No que concerne ao grupo de pesquisa: “Teoria Crítica e Educação”, a revitalização dos conceitos de tais pensadores no contexto da cultura digital tornou-se objeto de análise de pesquisadores desde a realização do “VIII Congresso internacional de Teoria Crítica: Desafios na Era Digital”, que ocorreu na UNESP-Araraquara, no período de 10 a 14 de setembro de 2012.

Desde a realização deste evento, várias das pesquisas desenvolvidas por estudantes de iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado e professores de várias instituições vinculadas ao nosso grupo tiveram como objetivo principal investigar as transformações, sobretudo na esfera educacional, derivadas do modo como o processo de digitalização da própria vida se torna ubíquo. São vários os desafios engendrados diante da relevância de se repensar a forma como conceitos dos pensadores frankfurtianos podem ser atualizados na sociedade da chamada cultura digital. Se o conceito de indústria cultural, por exemplo, deve ser pesquisado de acordo com as características dos elementos objetivos e subjetivos de determinados tempos e espaços, isso significa que devem ser consideradas as mediações históricas específicas da cultura digital na análise da atualidade da própria indústria cultural. Ou seja, é preciso realizar a crítica imanente da cultura digital para que se possa compreender os atuais desdobramentos da indústria cultural e os danos no processo formativo.

Esta preocupação de realizar tal crítica sempre esteve presente nas pesquisas realizadas pelos participantes de nosso grupo desde o seu início no ano de 1991. De lá para cá, foram produzidos centenas de livros, capítulos de livros e artigos em

periódicos de seletiva política editorial, além da formação de centenas de pesquisadores desde a Iniciação científica até o nível de Pós-doutorado. Justamente esta intenção de contribuir para o processo formativo de nossos alunos se materializou também na maneira como suas ponderações foram decisivas para o nosso desenvolvimento formativo, cujo compartilhar de conhecimentos e de afetividade redimensiona cotidianamente nossas identidades, engendrando-se, assim, novas formas de relação entre a educação, a cultura e a subjetividade.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. Tradução de Amélia Cohn. In: COHN, Gabriel (Org.), **Theodor W. Adorno, coleção grandes cientistas sociais**. São Paulo: editora Ática, 1986, 208p.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, 190p.
- ADORNO, Theodor W. Teoria da semiformação. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A. S.; LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco. (Orgs.) **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010, 250 p.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural, o esclarecimento como mistificação das massas. In: **Dialética do esclarecimento, fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1986, 224 p.
- GRUSCHKA, A.; LASTÓRIA, L. A. C. N. **Zur Lage der Bildung: Kritische Diagnosen aus Deutschland und Brasilien**. Opladen, Berlin e Toronto: Büchse der Pandora Verlag, 2015, 312p.
- GRUSCHKA, Andreas. **Erkenntnis in und durch Unterricht**. Empirische Studien zur Bedeutung der Erkenntnis- und Wissenschaftstheorie für die Didaktik. Wetzlar: Büchse der Pandora, 2009, 463p.
- GRUSCHKA, Andreas. **Pädagogische Forschung als Erforschung der Pädagogik: Eine Grundlegung**. Opladen, Berlin e Toronto: Büchse der Pandora Verlag, 2011, 398p.
- GRUSCHKA, Andreas. **Unterrichten: eine pädagogische Theorie auf empirischer Basis**. Opladen, Berlin, Toronto: Verlag Barbara Budrich, 2013, 312p.
- GRUSCHKA, Andreas. **Frieza Burguesa e Educação: a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação**. Campinas: Autores Associados, 2014, 416p.
- HORKHEIMER, Max. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Editora Abril, 1987, 356p.
- KRAIMER, K. **Die Fallrekonstruktion**. Sinn-Verstehen in der sozialwissenschaftlichen Forschung. Frankfurt am Main: Suhrkamp Taschenbuch, 2000, 142p.
- LASTÓRIA, Luiz A. Nabuco; ZUIN, Antônio A. S.; GOMES, Luiz R.; GRUSCHKA, Andrea (Orgs.). **Escritos de Teoria Crítica e Educação: contribuições do Brasil e da Alemanha**. Coleção Teoria Crítica 3. São Paulo: Nankim Editorial 2015, 296p.
- MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, 440p.
- NOBRE, M. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, 78p. TEORIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO, Grupo de Pesquisa. Disponível em: [www.teoriacriticaeducacao.ufscar.br](http://www.teoriacriticaeducacao.ufscar.br)
- TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Tradução de Antônio Zuin, Fabio Durão, Francisco Fontanella e Mario Frungillo. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, 323p.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar. **Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação**. São Carlos, 2017. Disponível em: [www.teoriacriticaeducacao.ufscar.br](http://www.teoriacriticaeducacao.ufscar.br). Acesso em: 14 abr. 2017.
- VILELA, Rita Amélia T. Evidências empíricas do empobrecimento da experiência formativa na sala de aula do ensino médio. In: MORGADO, J. C.; SANTOS, L. L. de C. P.; PARAÍSO, M. A. **Estudos curriculares: um debate contemporâneo**. Curitiba: CRV, 2013, 189p.
- VILELA, Rita Amélia T. Teoria Crítica e Pesquisa Empírica: metodologia hermenêutica objetiva na investigação da escola contemporânea. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. C. N. (orgs.) **Teoria Crítica e Inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010, 249p.

WERNET, A. **Hermeneutik-Kasuistik-Fallverstehen**. Stuttgart: Kolhammer Verlag, 2006, 226p.

WIGGERSHAUS, R. **A Escola de Frankfurt**: História, desenvolvimento teórico, significação política. São Paulo: Difel, 2002, 423p.

ZUIN, Antônio. **Cyberbullying de alunos contra professores**: dilemas da autoridade educacional em tempos da concentração dispersa. São Paulo: edições Loyola, 2017, 180 p.